



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA**

Kujá e suas ervas medicinais

Armandio Kankar Bento

Terra Indígena Guarita (RS)
Fevereiro de 2015

Armandio Kankar Bento

Kujá e suas ervas medicinais

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado em forma de Artigo ao Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura Intercultural Indígena elaborado na terminalidade Humanidades.

Orientador: Clovis Antonio Brighenti

Terra Indígena Guarita (RS)
Fevereiro de 2015



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE LICENCIATURA INTERCULTURAL
INDÍGENA DO SUL DA MATA ATLÂNTICA**

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos ⁰⁶06 dias do mês de fevereiro do ano de dois mil e quinze, às 8:30 horas, na escola indígena da TI Guarita (RS), município de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco (RS), reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor Orientador e Presidente Dr. Clovis Antonio Brighenti, Professor Prof. Mestre Sandro Luckmann, Titular da Banca, e Professora Dra. Maria Dorothea Post Darella, Suplente, designados pela Portaria nº N° 25/HST/2015 do Senhor Chefe do Departamento de História, a fim de arguirem o Trabalho de Conclusão de Curso do acadêmico Armândio Kãnkãr Bento, subordinado ao título: "Kujá e suas Ervas Medicinais". Aberta a Sessão pelo Senhor Presidente, o acadêmico expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, o mesmo foi arguido pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo o candidato recebido do Professor Clovis Antonio Brighenti a nota final 0,9..., do Professor Sandro Luckmann a nota final 9,5..., e da Professora Maria Dorothea Post Darella a nota final 0,9...; sendo aprovado com a nota final 0,9... O acadêmico deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva, em versão digital ao Departamento de História até o dia 01 de março de 2015. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pelo Candidato.

Terra Indígena Guarita, ⁰⁶06 de Fevereiro de 2015.

Banca Examinadora:

Prof. 

Prof. 

Prof. 

Candidato Armândio Kãnkãr Bento



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Curso Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata
Atlântica
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que o acadêmico(a) Armândio Kãnkār Bento, matrícula n.º 11100021, entregou a versão final de seu TCC cujo título é Kujá e suas ervas medicinais, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 19 de março de 2015.

Assinatura manuscrita em tinta preta, sobre uma linha horizontal.

Orientador(a)

Resumo

O presente trabalho, tem como objetivo compreender uma das principais características dos costumes e tradições Kaingang que é o usos das ervas medicinais. Com o título *Kujà e suas ervas medicinais* nosso artigo aborda sobre como esses costumes são utilizados hoje, como são transmitidos às nossas crianças quando estas estão aptas a adquirir o conhecimento sobre as ervas medicinais. A tradição das ervas não pode ser dissociado de outros costumes tradicionais nossos, principalmente a nossa língua. Discutiremos como esses conhecimentos estão sendo repassados aos mais novos Kaingang pelos *Kujá*, que são as pessoas que dominam hoje uma das partes mais importantes de nossos costumes e detém conhecimentos sobre as ervas medicinais. No decorrer do relato abordaremos muitos desses conhecimentos com uma melhor clareza, até mesmo porque o determinado tema precisa ser tratado com muita responsabilidade diante do compromisso que assumo com o nosso conhecimento tradicional. Digo pois, conhecimentos esses historicamente repassados às gerações e principalmente considerando a oralidade, dentro de uma realidade totalmente diferente da nossa época de agora, onde os nossos *Kujá* não sofriam repreensão pelas religiões ocidentais. Pretendemos discutir esse tema tomando aspectos de seu uso social na comunidade e nas suas formas de transmissão de conhecimentos, considerando o contexto atual e sus inúmeros desafios. Dada essa preocupação, verificaremos como os melhores pensadores de nosso povo estão *estrategiando* em como fazer para que nenhum Kaingang tenha receio em se autodeclarar. Assim, nós pensamos para a nossa geração futura ou seja, definir estratégias de continuar mantendo os nossos costumes e tradições, diante da nova tecnologia, não negando sua importância mas sabendo usá-la

Palavras chaves: Kujá, tradições, Kaingang

Vāme sǐ tó.

Kǵ sóg jag mǵ nén ũ sǐ tu vāmén ge mǵ, hāra tag vǵ tǵ, vasa ēg si ag ta nén ũhyn han fā tu vāmén Ge nǐ.Kǵvāg tǐ.Kǵ sóg jag mǵ tu vāmén sǐ han mǵ.Kǵ ti ji tóg Tupē ta ti fāg mǵ já nǐgtǐ,Tupē vǵ ti mǵ ji:ǵǵ

Inh vǵ ā fāg mǵ ag kāki ke mǵ, ag â ta āg no kā inh ju ag vê jê, ke mǵ,ag kirir há han nǐ, ga tag kāmǐ jag vājān,goj, vānhkagta,vānh fógán fā,jag ākrān fā, é tǵvǐ vǵ nǵtǐ ke tóg mǵ, ti ta kujá fāg mǵn mǵ.É tǵvǐ vǵ nǵtǐ sa jag mǵ tu vāmén ge ti.Kar sa nén tój Ge hā ta tǵ ke Ge,ēg hēren kǵ vānhkagta hynhan kinhrāgrāg, Kujá ti hēren,ti mǵ ēg ta ēg ta, ti tǵ nén ũ kinhra ānkājatun há mā kǵ,ti ta hāre nǵ vānhkānhmég kirir ke tǐ Ge?Ti hāre tǐ ti ta ti krā kirir há han jê?Ti hāren kǵ gir kugpég?Ti nén ũ kānhmég tǵ hāre tǐ? Ti hāren fog,igreja, SPI,FUNAI,ti ta ag ta heren rānhrāj mǵ ki kagtǐg kǵ?Mǵr ag ta tǵ kaingáng tǵ kǵ, tag kāpān ti hēren? Ē ta,ēg nén ũ kinhra tag kājutun tǵ nǐn jê?Ti hāren?Uri ag hāre tē há,ē ta vānhkagta tǵ rānhrāj há tǐ? Uri kyrū ag ta tu jykre tǐ hāre? Ag mǵ kinhra vānhver?Kujá ag hāren kǵ fog ag ta ēg tǵ nén ũ kinhra tu jykre?

Kǵ Ge já vǵgtǐ,ēg ta tag tu kinhra ti.

1. Apresentação

Apesar da dificuldade e preocupação em motivar e buscar todos as informações possíveis para enriquecer a pesquisa, concluo satisfeito. Estou muito agradecido com o apoio e colaboração que encontrei durante o desenvolvimento do meu projeto de pesquisa por esses vários “sábios”, detentores do nosso conhecimento e a sabedoria Kaingang.

Dada a minha preocupação, desde o tempo em que comecei o curso de mestrado específico e diferenciado, me desafiei a pesquisa sobre o *Kujá e suas ervas medicinais*. Percebo que há perda ou desinteresse sobre os nossos costumes e tradições, misturas com o não indígena, principalmente nas nossas famílias influenciadas pelas nossas escolas e igrejas situadas nas Terras Indígenas. Tais escolas foram implantadas desde a época em que o pessoal do Serviço de Proteção aos Índios (SPI) chegou nas nossas terras.

Ao longo desse tempo, os nossos costumes e tradições começaram a ser ignorados pelo pessoal do SPI, os quais eram na verdade aposentados de exército e tinham o papel de “civilizar” o nosso povo Kaingang. Pois, diziam eles que nós Kaingang deveríamos deixar de ser Kaingang e mesmo que não éramos considerados gente.

O fim dessa ideia aconteceu no ano de 2002, no nosso Estado do Rio Grande do Sul, com a regularização de nossas Escolas Indígenas pelo Conselho Estadual de Educação (RS).

Porém, para se chegar até essa conquista foram realizadas várias reuniões e sistematização de várias ideias de nossas comunidades indígenas no nosso estado e enviados vários documentos ao Conselho até chegarmos nessa vitória de ver nossas escolas estarem preocupadas em manter os nossos costumes e tradições.

Ao longo desse tempo observei que tudo isso é consequência da repreensão tanto da parte do SPI como da Fundação Nacional do Índio (Funai) e das igrejas Católica e Evangélicas com práticas diferentes no passado e no presente, mas todo tempo procuram desvalorizar os nossos costumes e tradições. O desafio é definir estratégias para mantermos os nossos costumes e tradições diante das grandes mudanças em nossa juventude.

Por fim quero lembrar que a complementação da ideia deste tema do meu artigo teve também a colaboração de alguns autores que me antecederam à este trabalho.

2. Introdução

O costume de conhecer, valorizar e considerar o uso das plantas como uma forma de manter a nossa saúde vem de um costume milenar, desde que surgiu o primeiro Kaingang neste mundo. Então, imaginemos que os primeiros Kaingang já descobriram a importância do uso dos vegetais que os cercavam para fins medicinais. Desde então os Kaingang observaram algumas plantas e viram que algumas delas poderiam torna-los mais rígidos (*fár-há*) e fortes (*tar-há*), viram também que outras plantas poderia torna-los espertos (*kajró*), corajosos (*mũmãg-vãnh*), com ótima visão (*ãvãnh-há*) e com bom ouvidos (*nĩgrãg-há*).

Eram essas as atribuições que os mais velhos (*kofa*) gostavam de se ocupar. Em tempos passados os mais velhos eram considerados como os sábios e os mais experientes do grupo, deveriam estar preparados para defender-se e defender seu grupo e seus parentes dos inimigos. Esses sábios na verdade, eram os primeiros *Kujá*.

Dada essa curiosidade me interessei em buscar melhor conhecimento e compreensão de um dos ramos da atividade do *Kujá*, que é a relação com as ervas medicinais. Esse foi um dos motivos que me levou a desenvolver a presente pesquisa, a fim de encontrar as melhores respostas sobre os usos das plantas, seus preparos e como ela segue sendo uma das atribuições dos *Kujá*.

Dada a necessidade de dar respostas para estas interrogações, até antes de iniciar o trabalho acadêmico, decidi pesquisar esse tema junto a meu povo. Comecei a coletar informação, junto a esses nossos antigos sábios. As respostas foram muitas, porém os contextos nem sempre carregam boas informações, algumas respostas posso dizer que foram muito tristes, especialmente no que diz respeito as dificuldades de continuar com essa prática tradicional de nosso povo. Mas, felizmente estamos num processo de reconstrução de nossos costumes e tradições com o reconhecimento cada vez melhor de nossas crianças.

Entendemos que a maior preocupação de nossos sábios é a questão da língua, de como manter os nossos costumes e tradições. Em geral a língua Kaingang é pouco valorizada, é comum ouvirmos que quem não fala a língua portuguesa não é inteligente e não é evoluído. Dessa vontade, preocupação e curiosidade sobre o referido tema que surgiu esta pesquisa.

Busquei sempre associar a pesquisa com a opção da “terminalidade Humanidades” que optei na segunda parte do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica.

Dessa maneira tomei como objetivo analisar o papel desempenhado pelos *Kujá* na Terra Indígena Guarita (RS), sua importância na manutenção da organização social Kaingang

e os desafios dessa prática nos tempos atuais, identificando como se manifestam atualmente diante das mudanças socioculturais da comunidade e do nosso povo Kaingang.

Evidentemente somos fieis aos nossos *kofa*, pois sabemos que eles querem muito que sejamos inteligentes e corajosos que nos levam a sermos o que somos. Também incluímos informações relevantes colhidas junto a nossa sábia dona Vicentina Sales no ano 1995, por ocasião de nossa pesquisa para o curso de Magistério Kaingang. Infelizmente não podemos ouvi-la novamente porque dona Vicentina faleceu em março de 2014.

3. Local de nossa pesquisa

A Terra Indígena Guarita é uma pequena fração do território histórico de nosso povo. Ela foi conquistada por nosso povo quando os colonizadores invadiram nosso território e queriam tomar todas as terras ainda no século XIX. Nossos antigos lutaram por ela. O que nos restou foi 23.406,87 hectares, local onde hoje vivemos. Somos ao menos 7 mil pessoas, a maioria Kaingang, (no ano de 2005 a população Kaingang atingia aproximadamente 6.100)¹ distribuídos em 16 setores²: Estiva; Laranjeira; Linha São Paulo; Missão; Katiú Griá; Irapuá; Bananeira; Pau Escrito; Km 10; Linha Esperança; Três Soita; ABC; Mato Queimado; Pedra Lisa; Linha Mó e Capoeira dos Amaros. Também há uma aldeia Guarani. Alguns nomes dos setores podem não aparecer escritos no mapa (figura 1).

Nossa terra foi dividida entre os municípios criados recentemente: Redentora, Tenente Portela e Erval Seco. Ela foi reservada em 1918 pela comissão de Terras de Palmeira das Missões (RS). Em 1997 foi registro no cartório de Imóveis de Tenente Portela (RS) e registrada no Serviço de Patrimônio da União (SPU) em dezembro de 1994³.

Na Terra Indígena (TI) Guarita, nossos anciões buscaram preservar a mata nativa. Sabiam que os *fóg* (não indígenas) iriam destruir tudo. As pressões foram muitas para que toda a mata fosse destruída. Além das pressões da sociedade regional pela destruição da mata em nossa TI o próprio Estado brasileiro através do SPI desenvolveu suas políticas na perspectiva de que tudo fosse transformado em lavoura. O SPI vendeu madeira, arrendou terra, introduziu maquinário agrícolas transformando radicalmente nossa agricultura

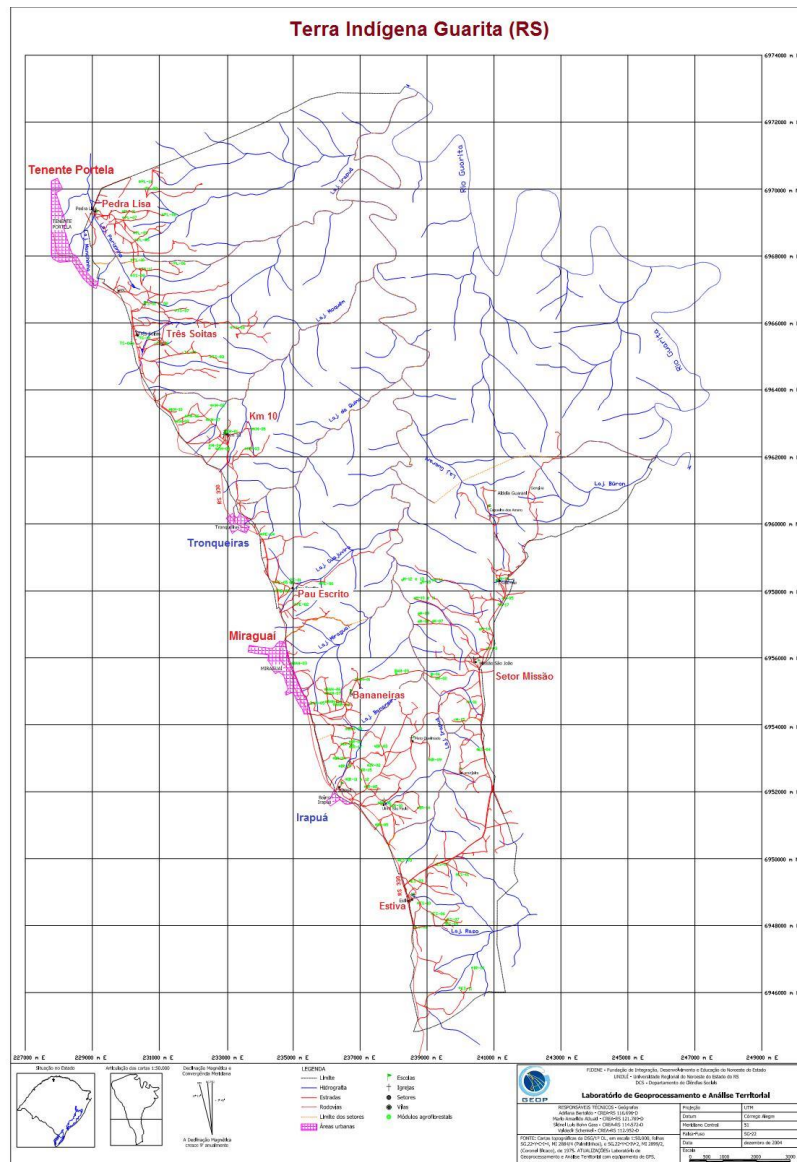
¹Disponível em: www.portalkaingang.org. Acesso em: 21-01-2015.

² Setor é o mesmo que em muitas TI chama-se aldeias, cuja comunidade é coordenada por um Capitão ou seja, uma liderança Kaingang com cargo de confiança do cacique.

³Sobre o procedimento de demarcação de Terra Indígena e seus aspectos jurídicos ver o Decreto nº 1775/96 e Portaria MJ nº 14/1996.

tradicional. Diversos documentos comprovam as ações do SPI, como o Relatório Figueiredo⁴, os Boletins do SPI que encontram-se no Museu do Índio, os anais das Comissões Parlamentares de Inquérito no Congresso Nacional (1963 e 1968) e na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul (1968).⁵

Figura 1. Terra Indígena Guarita



⁴O Relatório Figueiredo é resultado da Portaria nº 239 de 1967, do Ministro do Interior Afonso Augusto Albuquerque Lima, e tinha por finalidade apurar as irregularidades no SPI. As investigações foram realizadas pelo Procurador Federal Jader Figueiredo Correia. Como o acervo do Ministro do Interior fora destruído por um incêndio, Jader Figueiredo decidiu percorrer o Brasil e ouvir os indígenas.

⁵ Toda essa documentação citada encontra-se disponível no endereço da Web: <http://www.docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=CRVindigena>

Fonte: Laboratório de geoprocessamento e análise territorial, 2004

A Funai deu continuidade a esse processo de exploração da nossa terra. Inclusive a Funai criou o Departamento Geral do Patrimônio Indígena (DGPI), que foi considerado “devorador do patrimônio Indígena” (CPI, 1977, p.88) ou “o monstro” por um antropólogo da própria Funai (BRIGHENTI, 2012) pela voracidade com que destruía os recursos naturais das terras indígenas. Tanto SPI como Funai queriam manter suas estruturas com os recursos extraídos da exploração das Terras Indígenas, e denominavam isso de “renda indígena”:

Através do Decreto nº 10.652 de 16 de outubro de 1942, modificado pelo Decreto 12.318 de 27 de abril de 1943 e 17.684 de 26 de janeiro de 1945, autorizava o SPI a “explorar as riquezas naturais, das indústrias extrativas ou de quaisquer outras fontes de rendimento do patrimônio indígena para assegurar, oportunamente, a emancipação econômica das tribos”. Foi instituída a renda indígena.

Sobre renda indígena havia servidores do órgão indigenista que se apropriavam dos bens particulares de indígenas. Essa atitude levou o SPI a publicar no seu Boletim Interno uma definição de renda indígena: “Voltamos a publicar o Parecer elaborado pelo SPI 2.353/57, devidamente aprovado pela Diretoria, o qual deve ser rigorosamente observado “in totum” por todos os servidores deste Serviço (...) Está evidente o equívoco de interpretação, sobre o conceito de “Renda Indígena”. Toda produção coletiva, administrada pelo Posto, explorando ou utilizando bens do patrimônio indígena, pertence ao movimento financeiro-econômico bens do índio como um todo. (...). A produção individual é diferente, pertence rigorosamente, ao produtor.” MINISTÉRIO DA AGRICULTURA. Boletim Interno. SPI, Rio de Janeiro, nº 26, 1959. (BRIGHENTI, 2014).

Apesar de toda essa violência, nosso povo conseguiu preservar uma pequena quantidade de mata nativa. Hoje essa pequena quantidade de mata representa uma das mais importantes reservas naturais da região, destacando-se inclusive em imagens de satélite, conforme podemos conferir na figura 2 colhida através do *Google Earth*.

A preservação desse espaço deve-se a cosmovisão de nosso povo, que compreende a natureza como parte e não separado dos humanos. A ciência explica esse conceito como “natureza humana”, nas palavras da antropóloga Kimiye Tommasino:

Para os Kaingang, assim como o homem possui uma natureza animal, os seres da natureza, os animais e vegetais, também têm seus espíritos protetores. Podemos acrescentar mais ainda que, se alguns animais são também *yangré* [espírito animal] dos homens, eles são também, num certo sentido, “humanos”. É possível dizer, assim, que entre os Kaingang, assim como para os povos indígenas em geral, não há dicotomia entre o universo

humano, natural e sobrenatural; muito pelo contrário, são universos que se interpenetram e se influenciam reciprocamente. (TOMMASINO, 2004, p. 157).

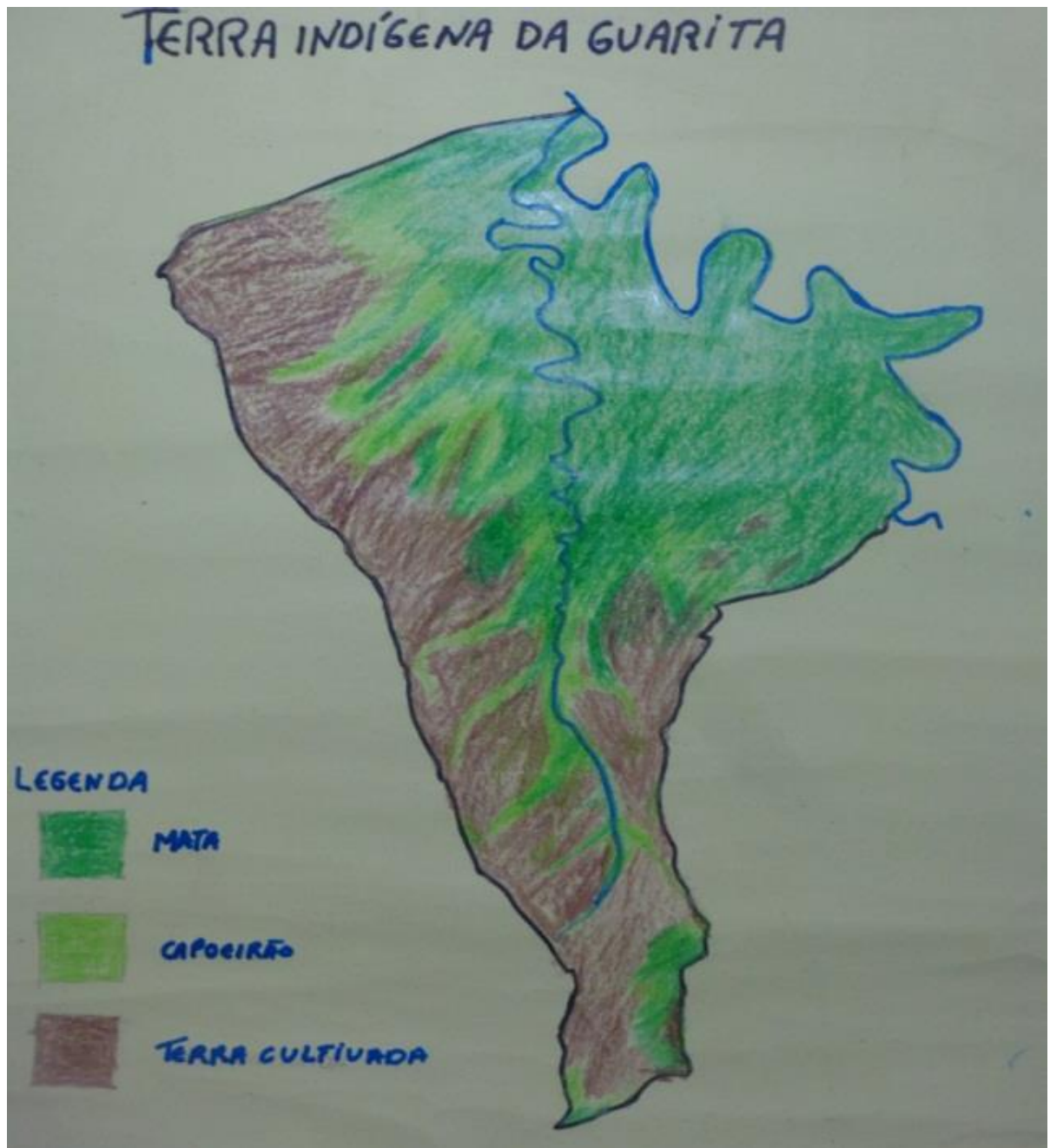
Figura 02. TI Guarita (destaque na linha amarela) vista do espaço. O verde escuro representa a mata nativa.



Fonte: Disponível em: Google Earth: Acesso: 2012

No desenho de nosso colega de curso Argeu Ming Amaral a representação da mata nativa ficou assim composta:

Figura 3. Mapa da vegetação nativa na TI Guarita



Fonte: Desenho de Argeu Mig Amaral (agosto, 2013)

A importância da mata para os *Kujá*, além dos fatores ditos acima, é a possibilidade de preservar as ervas medicinais, os espíritos e os animais, sem os quais não teriam mais razão de existir.

4. Uso das plantas, animais e seus espíritos como meio para manter a saúde, tratamento e cura

Desde que os primeiros Kaingang nasceram já pensavam em dominar o conhecimento sobre as plantas e os espíritos dos animais. Quando chegaram os primeiros Kaingang ao mundo, o nosso *Tupé* (Divindade), disse aos primeiros Kaingang, para que os mesmos usufruíssem dos benefícios que a terra tinha para oferecer a eles desde as plantas, rios, até os animais. Segundo nos informou Dona Vicentina Sales, *Tupé* disse a eles, que tudo o que estava ao redor, a natureza, era para oferecer a eles os diferentes tipos de meio de sobrevivência. Tanto poderia oferecer-se de alimentos a eles como também de saúde, através das plantas medicinais, e até mesmo servir-se de instrumento de uso doméstico, proteção como as armas, ornamentação ou abrigo contra as intempéries do nosso clima.

Entre esse tempo, também informou dona Vicentina, que o nosso *Tupé* disse aos Kaingang que ele iria preparar um dos Kaingang mais velho para ser o mais responsável, o mais corajoso e o maior conhecedor dos espíritos e de tratamento para realizar as curas. E que após isso então ele iria deixar o *Jagre* dele para que ficasse nessa responsabilidade de dar assistência, organizar e preparar seu povo. Ela disse que esses parentes eram os Xokleng.

Em razão disso, segunda Vicentina, surgiu o nosso primeiro *Kujá*. A minha mãe dona Maria Dias, com a idade em torno de cem anos, complementa dizendo que é exatamente por isso que “enquanto tiver *Kujá* entre nós seremos bem assistidos e tratados com cuidados”. Diz ela que quando era criança era bem divertido saber que tal dia iria haver banhos para as crianças, para os jovens e até mesmo para os mais adultos. Afirma ainda dona Maria Dias que por causa disso muitos aprenderam a conhecer o poder das ervas medicinais ou do próprio trabalho que o *Kujá* faz entre nós.

Então, observa-se nas falas da dona Vicentina e da Maria Dias, que sempre todo o Kaingang deve dominar o conhecimento sobre o espírito das plantas e dos animais, para que através disso possa manter a saúde do nosso povo. É nisso que todo o *Kujá*, até agora, tem demonstrado ao longo do tempo, desde que começaram a existir entre nós. E são várias as competências do mesmo entre nós. São competências consideradas sagradas porque o *Kujá* é o detentor do trabalho com os espíritos tanto das plantas como dos animais. Por isso nós o consideramos com muito respeito e carinho.

O *Xamã* é conhecido por nós como um curandeiro e trabalha só para quem lhe paga, já o *Kujá* é muito melhor que um *Xamã*. Aqui da TI Guarita nós chamamos de “curandeiro” ou no caso de uma mulher chamamos de “curandeira”. Enquanto isso, a tarefa do nosso *kujá* não

é apenas um só ramo, já a do Xamã sim. Mas que, a tarefa de um *Kujá* é para atender a organização, as necessidades do nosso povo Kaingang da TI Guarita. Então se percebe que o papel do nosso *Kujá* é um compromisso social e de autoridade com os nossos parentes.

Dona Vicentina considera como obrigação de *Kujá* acompanhar, dar assistência em nome do nosso grande *Tupé*, coordenar atividades de seu povo sem pedir nada em troca aos seus parentes. Tanto os *Rá-ror* tal quanto os *Rá-téj*. Se observa então que todo e qualquer *kujá* tem o compromisso com o seu povo de assumido as atribuições deixadas por *Tupé*.

Então, desde o início desses tempos, os nossos antigos, os quais hoje nós os chamamos de “sábios”, por questão de consideração e honra, vem aperfeiçoando seus conhecimentos sobre plantas e espíritos dos animais, principalmente através dos mais “sábios” (*ūn-si, ketūmÿr, ūn kofa*), até mesmo pelo tempo de vida e experiência. Isso possibilita uma melhor compreensão das utilidades dos diferentes tipos de plantas. Cada vez mais, era melhor o domínio do conhecimento das plantas, entre cada família. Eram plantas para alimentações, plantas para banhos de conservação da pele, boa visão, boa audição, cabelos, raciocínio, coragem e tantas outras de conservação do nosso organismo que as plantas e alimentação nossa nos oferecia. É essa a riqueza que tínhamos a nosso favor no nosso meio ambiente naquela época.

Graças ao nosso *Tupé* que nos deu esse meio ambiente, hoje ainda mantemos estes conhecimentos através dos nossos antigos “sábios”.

Aqui é importante lembrar que ser *Kujá* é muito diferente que ser um simples sábio *Kofa*. Segundo o Sr. Santo Kej Claudino diz que:

O pessoal também me considera como um dos Sábios *kofa*, apenas nós temos melhor conhecimento de nossos costumes e tradições antigas nossas Kaingang apenas isso. Porém, nós sábios *Kofa*, não temos o poder ou autoridade sobre os espíritos das coisas, muito menos sobre os espíritos dos mortos. (CLAUDINO, 2014).

Enquanto que um *Kujá* necessariamente não precisa ser um *Kofa*. O *kujá* se torna *kujá* até quando é jovem, porque quando o *kujá* estiver mal de saúde ele já chama o indicado pelo nosso *Tupé*, e conhecido pelo o nosso *Kujá* durante vida. Então, quando o *kujá* atual estiver bem de saúde permanece *kujá*. Mas quando este ficar mal de saúde finalmente chama a pessoa quem irá ficar no seu lugar para continuar com as obrigações de um *Kujá* pelo seu povo, independentemente da idade.

É a partir desse momento que esta pessoa começa à ter poder e autoridade de tudo, tanto com espíritos sobre nós homens e a dos mortos, espíritos das plantas, animais, rios e os espíritos das doenças. Essa é a razão de Sábios *Kofa* ser diferente a do *kujá*.

O nosso povo vai se preocupando melhor com a causa da manutenção de nossos costumes e tradições em todas as nossas Terras Kaingang.

5. O caminho que o nosso *kujá* escolheu para que o conhecimento fosse transmitidas as novas gerações.

No surgimento do nosso povo surgiram duas famílias diferentes, apesar das aparências serem iguais e mesmo nascendo em turnos diferentes. As duas grandes famílias são os *Kamê* e os *Kainhru*. Tudo na vida Kaingang precisa ser observado essas metades, por exemplo, uma pessoa *Kamê* só pode casar com uma pessoa *Kainhru* e da mesma forma com os *Kainhru* só podem casar com *Kamê*. Os filhos são todos iguais ao pai, se o pai é *Kamê* todos serão *Kamê* e se for *Kainhru* todos serão *Kainhru*. Assim com os humanos a natureza também se organiza em torno de *Kamê* e *Kainhru*.

A família *Kamê* nasceu no turno do dia por isso são da marca *Rá-Téj*, essa família tem como símbolo o gato do mato, a jaguatirica a qual tem as pintas alongadas, por isso os *Kamê* tem marcas alongadas e são muito agitados ou seja, facilmente ficam nervosos.

A família *Kainhru* nasceu no turno da noite por isso são da marca *Rá-Ror*. Tem o desenho arredondado. E por causa disso que os *Kainhru* são melhor para caçar ou guerrear à noite. Os mesmos são muito paciosos, demoram ficar agitados ou nervosos. Por causa disso que na sabedoria de nosso povo os *Kainhru-Krě* são os últimos que entram na briga ou Guerra. Nosso povo também afirma que quando um *Kainhru* entra num conflito ou guerra não saem antes de acabar com o conflito, até por que a noite facilita a sua ação e a noite é o melhor momento para bolar as estratégias contra os inimigos. Por serem acostumados com a noite ou saberem explorar as vantagens da noite os *Kainhru* são considerados muito perigosos.

As plantas nas nossas matas mostram também essas marcas. Temos nas nossas matas plantas com folhas alongadas consideradas *Kamě (Rá-Téj)*. Exatamente por isso que essas plantas são consideradas as ervas medicinais próprias dos *rá-téj*.

Então, a própria natureza favorece ou disponibiliza ao nosso uso e para nossas necessidades plantas para mantermos a nossa saúde. Desde o início da nossa geração o meio ambiente coincide com os costumes de nosso povo sobre o uso das plantas para manutenção da nossa compatibilidade e convivência.

Relatou dona Vicentina quando perguntamos a ela como poderíamos aprender a conhecer as utilidades das ervas medicinais, ela nos disse sorrindo: “o que vocês querem ver, os remédios? estão aí, isso que estão pisando são os remédios!”. Então isso quer dizer que a vó Vicentina dominava totalmente o conhecimento sobre as ervas medicinais ao ponto de atender pessoas que partiam do estado de São Paulo para buscar medicamentos elaborados por ela. Então perguntamos a ela se a mesma vendia isso aos que necessitavam de sua assistência, ela disse que não, falou que o trabalho que ela fazia era em nome de Deus e para Deus, e “Deus não cobra ninguém que o precisa”, disse ela.

Enquanto que ela ia nos relatando, ficávamos imaginando como eram os primeiros Kaingang que surgiram no mundo. Pois, tudo o que ela enxergava ao seu redor, via nelas as suas utilidades devido a sua larga experiência, domínio e conhecimento da sabedoria de um *Kujá*. Nós nos surpreendemos com a resposta de dona Vicentina, talvez ela tenha nos dito isso porque os jovens já não davam importância a sabedoria que a mesma possuía. Diz ela que havia muita ignorância por parte das igrejas contra o conhecimento dos nossos antigos sábios da nossa Terra Indígena Guarita.

Observamos que os tempos coincidem no que diz respeito ao abandono de nossos conhecimentos e da língua Kaingang, resultado da violência imposta pelo Estado e sociedade brasileira no século XX.

Após muita luta, teve início (há 20 anos aproximadamente) um curso de formação para professores indígena bilíngue conquistado pela nossa Associação de Professores Bilíngues Kaingang e Guarani (APBKG), a Organização das Nações Indígenas do Sul (ONISUL), o Conselho de Missão entre Índios da Igreja Evangélica de Confissão no Brasil (COMIN) e a Universidade Regional do Rio Grande do Sul (UNIJUI).

Após o nosso curso de formação específico e diferenciado, que terminou em 1997, conseguimos ter uma melhor organização entre nós professores Kaingang aqui no Sul do Brasil. No final desse fui eleito presidente dessa nossa Associação dos Professores. Cada vez mais então refletindo melhor sobre o trabalho desenvolvido pelas nossas escolas indígenas.

Após a conclusão desse curso, presidindo a Associação em conjunto com essas parcerias acima e com apoio da Procuradoria da República, nos mobilizamos para exigir o direito à educação específica e diferenciada expressa na constituição de 1988 e na nova Lei de Diretrizes e Base da Educação (LDB) e tivemos algumas vitórias:

1º – Contratação de professores indígenas pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul.

2º – Direto de construirmos os referenciais das Propostas Políticas Pedagógicas e o regimento interno de nossas Escolas. A Construção dessas propostas teve a participação de todas as comunidades. Além da participação dos nossos professores, lideranças indígenas, e todas essas instituições particulares e instituições não governamentais acima listados.

3º – Em 2002 o Conselho Estadual de Educação autorizou a Secretaria da Educação do nosso estado a criar a categoria de educação indígena.

A mais nova vitória na educação escolar está se processando nesse momento com a concretização do curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A concretização da Licenciatura nos possibilita desenvolver em nossas escolas melhores resultados e melhor compreensão de nossas realidades, e esse é o motivo pela qual me interessei pelo tema escolhido, *o kujá e as suas ervas medicinais*.

6. Diálogos interculturais

Devido à violência imposta e as várias tentativas de nos fazer abandonar nossos conhecimentos tradicionais, buscamos conscientemente formação para superar esses desafios tanto junto aos nossos sábios como entre as instituições de ensino. Decidimos buscar formação específica para motivar e revitalizar os nossos costumes e tradições a partir das escolas, inicialmente através Universidade Regional da Região Noroeste do Estado (Unijuí), Conselho de Missão entre Povos Indígenas (Comin) e a Associação dos Professores Bilíngue Kaingang e Guarani (APBKG), e ultimamente através de diversos centros de ensino, dentre eles a UFSC.

Naquela época (início dos anos 1990) não havia muita clareza se o projeto era concreto, se o projeto nos levava a alcançar nossos objetivos. Ainda não sabíamos nada, não entendíamos o que tinha ao nosso redor. Fomos fazer pesquisa com dona Vicentina e ela, na verdade, não sabia que nós éramos Kaingang, até porque talvez éramos diferentes dos outros Kaingang. Na experiência de dona Vicentina os jovens não se interessavam mais em conhecer a sabedoria de nossos antepassados. Depois de nos conhecer ela disse que éramos os primeiros jovens Kaingang que queriam aprender o conhecimentos que os nossos antigos

possuem. E que até aquele momento, diz ela, que somente os Kaingang mais velhos ou as mais velhas haviam procurado ela para trocar ideias sobre as ervas medicinais. Dizia dona Vicentina que os jovens de hoje não se interessam mais nos conhecimentos de nossos antepassados, observando que as crianças e os jovens Kaingang consideram que os costumes e as tradições são ultrapassadas e apenas que teriam interesse na sabedoria dos *fóg*, que essa sim estava na moda. Por conta disso que dona Vicentina demonstrou muita preocupação com a causa da manutenção dos nossos costumes e tradições. Da mesma forma como os nossos primeiros antigos sábios se preocupavam. Quais eram as principais preocupações que dona Vicentina estava tendo? Listemos a seguir nossas observações sobre suas preocupações sobre o futuro de nossos jovens:

1. Preocupação de estar sendo esquecido pelos seus parentes a importância de um *Kujá* nos costumes e tradições Kaingang, ou seja, preocupação com o futuro do povo;
2. Preocupação de que os jovens Kaingang não estejam mais considerando os conhecimentos do povo;
3. Preocupação com os parentes estarem envergonhados de valorizar o *Kujá*, em oposição a outras culturas;
4. Preocupação com a violência das religiões cristãs, que repreendem os costumes e as nossas tradições Kaingang.

Essas foram as principais preocupações demonstradas por dona Vicentina em seu relato no que tange seu trabalho de manter a saúde e transmitir os conhecimentos de quem ainda a consideram.

Dona Vicentina nasceu num período ao qual o povo Kaingang tinha acesso aos recursos do meio natural que favorecia o sustento e sobrevivência. Porém, no momento atual nos deparamos com uma série de problemas no atendimento a saúde indígena. E é a partir dessa ideia que iremos falar agora.

Isto porque desde que foi introduzida a saúde pública nas nossas Terras Indígenas, houve muitas mudanças, principalmente a nossa relação com as ervas medicinais. Até mesmo porque ao invés de continuarmos usando as plantas, as famílias começaram a frequentar. Até bem pouco tempo as famílias procuravam cura através das plantas medicinais, ou mesmo diretamente com o *Kujá*, qualquer tipo de problema, como uma simples gripe, diarreia, dor de estômago, dor de cabeça dentre outros.

Subentende-se que era mais fácil conseguir medicamentos perto de casa. Porém com tempo e com a imposição de novas práticas externas as famílias começaram a perceber mais

vantagem nas farmácias do que procurar remédio nas matas. Mesmo assim algumas práticas tradicionais continuaram como os banhos com as ervas medicinais, porém, com sentido diferente daquele antigo. Mesmo assim ficou como um preparo para sermos cada vez mais e melhores Kaingang. Por exemplo, com ótimas visões, ótimos ouvido, bom caçador, pescador, corajoso, conquistador, e tantos outros.

Então os medicamentos químicos e biológicos são considerados por nós como medicamento de cura e não preventivos como as nossas ervas medicinais.

Tanto que a enfermeira fóg Franciele da SESAI, que coordena a saúde indígena no município de Redentora, manifestou preocupação com relação aos jovens que estão abandonando esses conhecimentos tão ricos. A enfermeira observou que a SESAI tem dado importância a esse conhecimento destacando as várias vezes que a SESAI realizou oficinas para incentivar o uso das ervas medicinais com o apoio dos Sábios Kaingang. De fato a gente mesmo tem muitas vezes participado dessas realizações, na maioria das vezes era a SESAI e o COMIN com o apoio das nossas lideranças. Destacamos também o incentivo ao consumo de nossas comidas tradicionais, realizado através de nossas escolas.

Hoje com a conscientização de nossas comunidades, mais em especial com os nossos alunos Kaingang como a confecção de artesanatos, coletas de ervas medicinais pelos alunos, coleta de alimentos tradicionais nas nossas matas e a valorização disso tudo pelas nossas escolas através de conteúdos em planos de aulas em todas as escolas indígenas.

Infelizmente ainda temos muito o que implementar no currículo de todas as nossas escolas. Nós professores Kaingang refletindo sobre isso chegamos a conclusão de que isso não é o que queremos. E que isso não é a proposta política que almejamos ter para as nossas escolas indígenas. Precisemos dar alma e cabeça para as nossas escolas indígenas da nossa Terra Indígena do Guarita. Isso através de construção de uma Proposta Política Pedagógica e um ótimo regimento.

7. Conhecimentos tradicionais e o uso das plantas para a sobrevivência Kaingang

Sabendo das vantagens que as plantas ofereciam para nosso povo, os Kaingang sempre procuraram usá-las da melhor forma possível. Uma dessas preocupações que tiveram foi dominar o conhecimento sobre o uso das plantas como um forma de prevenir a nossa saúde.

Cada vez mais conhecer melhor as utilidades de cada uma das plantas que existia nas nossas matas. Para tanto foi necessário que cada sábio de nosso povo se juntassem para trocar seus conhecimentos ou experiência um com o outro para que nossos conhecimentos não ficassem no esquecimento. Quais as preocupações que tiveram nossos sábios para não perdermos esses conhecimentos:

1. Guardar esse conhecimento em segredo entre si;
2. Continuar banhando as crianças com as ervas até falecer de velhice, sem repassar o conhecimento sobre as utilidades das plantas;
3. Achar meio de como repassar esses conhecimentos entre nós, de forma que cada vez mais esses conhecimentos sejam aperfeiçoadas.

E foi assim que os nossos sábios pensaram. Até que o *kujá* (*Góg-Nér*) teve uma ideia melhor; *kỹ ta Ge mũ, ãn si ti: “Kurã tag kãpãn, vãnhkar ta tỹ jagnã jamré ta jagnã mỹ vãnhkagta vê kỹ, jagnã kupej mỹ há, kemũ. “A partir deste dia, todos os que são cunhado um do outro é que iram fazer remédio um para o outro, banhando um ao outro”* (tradução do autor).

Essa é a forma que o nosso sábio *Góg-Nér* teve junto com os outros sábios daquela época. Assim todos os outros acharam a ideia interessante.

Qual era a razão dessa ideia do nosso sábio *Góg-Nér*? Fazer com que todos os jovens Kaingang, se preocupassem com os seus *jamré*, por que todo o Kaingang, se preocupa com o seu *jamré*. Assim foi a forma com que os nossos antigos sábios (*Kujá*), decidiram pelo domínio do nosso conhecimento sobre as plantas e os espíritos dos animais para poderem ser mantidas entre nós, de geração à geração entre nós Kaingang. E assim teve início um novo processo de manter os nossos conhecimentos no futuro. Cada *jamré*, tanto *Rá-ror* (*Kanhru*) e *Rá-těj* (*Kamě*), deveria procurar fazer ou tratar o seu *jamré* como deveria, conforme se o seu *jamré* iria precisar de banho com ervas ou ervas para tratamento ou cura. Assim foi acontecendo os cuidados de cada um cuidar de seu *Jamré*. Cada um procurava dar tratamento melhor que o outro para o seu *Jamré*, tanto os *Kamě* com os seus *Kanhru* ou, *kanhru* com os seus *kamě*. Até porque, quem os ensinou foi o seu *kakrã*, *kakrã* dos *kanhru* e o *Kakrã* dos *Kamě*. Isso facilitou muito a solidariedade de um com outro entre nós Kaingang, até nos dias de hoje. E é assim que aconteceu “o porquê os Kaingang se consideram muito entre um e o outro. Porque cada Kaingang sabe que um precisará para sempre do outro. É um *Kakrã* do outro, o outro é *Jóg* do outro, o outro é *Jamré* do outro, o outro é *Jãvy* do outro enquanto que o outro é *kěke* do outro.

Assim que se criou todo essa aliança entre nós Kaingang, apesar que somos formadas por duas famílias distintas *Kanhru (Rá-ror)* e *Kamě (Rá-téj)*. Talvez porque todos são *jamré* entre um e outro.

Exatamente por isso que nessa época a pessoa do *Kujá* tinha um papel fundamental entre o nosso povo. Todos os Kaingang eram sujeito ao nosso *kujá*. Desde a geração da criança no ventre da mulher naquela época já era acompanhado pelo *Kujá*.

A mulher era orientada a tomar chá todos os dias, trinta à quinze dias antes do nascimento da criança. O chá na verdade era para a criança ficar numa posição correta no ventre da mãe, até nascer o bebê mas, com certeza com parto normal. Na verdade naquela época graças à esse acompanhamento do *Kujá* era normal as mulheres terem parto normal.

Após o nascimento do bebê, também havia o acompanhamento do mesmo. Assim, acreditando nisso o *Kujá* preparava as ervas e esperava que desse o determinado resultado que o mesmo esperava.

Para o banho das crianças o *Kujá* sempre esperava a lua nova, realizava os banhos durante os dias. Além de dar nome às crianças recém nascidas fazia os banhos conforme as necessidades das crianças.

No nascente de um rio que se realizava os banhos nas crianças, essa fonte era sempre uma escolha do *Kujá*. Todo mundo ficava sabendo quando o *Kujá* tinha escolhido o dia para fazer o banho das crianças.

Geralmente o *Kujá* escolhia fazer o dia do banho das crianças na época da lua nova por conta das coletas das plantas que deveria ser nessa lua, e que o mesmo iria precisar durante o banho de seus descendentes.

O melhor para o banho das crianças também era, na época da floração, a partir do mês de Agosto, ou seja, no início do ano novo, que é no início da floração das plantas. É nessa época também que tem muita caça e pesca. A partir desse tempo então que as plantas oferecem muitas opções às necessidades dos *jamré* poder ser banhado por cada um de seus *jamré*, sem faltar nada de nenhuma planta que precisarem para o banho.

Muito antes da chegada dos *fóg* nos nosso território, o *Kujá* chamado de *Góg –Nér*, batizou nas nascente do *Goj-Rỹ* (rio Irapuá), banhar as crianças, seus pais e os jovens Kaingang da época. *Góg-Nér* banhava as crianças com folhas ensopadas com a água santa do *Goj-Rỹ* (rio Irapuá) da qual a entrevistada diz não saber, pois diz ela que, caso o mesmo contasse aos interessados no banho do *Kujá*, era impossível dar resultado preciso. Então simplesmente todos iam ao banho sem se preocupar em saber do que planta o *Kujá* estava se utilizando para banhar à todos.

No dia em que *Góg-Nér (Kujá)* se preparava para banhar o seu público todos ficavam sabendo, os jovens se deslocavam até à fonte e faziam a limpeza ao redor. Vinham Kaingang de todo o território de Guarita. Os primeiros que iam para o banho eram as crianças pequenas, em seguida os jovens e por último os adultos.

Contam que durante os banhos havia um gaiteiro, o qual animava o público com músicas e cantos na nossa língua. O nome do gaiteiro era Miguel. Ele era Kaingang da TI Guarita. Contam que a letra e canto tinha relação com a água santa em que o *Kujá* estava banhando o seu público.

Possivelmente o *Góg-Nér* seja o último *Kujá* que não teve pressões das religiões ocidentais. Porque pelo relato de todos os colaboradores desta minha pesquisa, contaram de uma forma que o *Góg-Nér* realizava todas as suas atividades na maior normalidade, sem interferência de outras pessoas que desconhecesse os nossos conhecimentos. Tanto que todas as famílias de nossa Terra Indígena o conheciam e o consideravam como o *kujá*, todos confiavam no seu trabalho.

Uma das preventivas que o *Góg-Nér (Kujá)* realizava no nosso povo era contra a *Kuhur-Téj* (coqueluche) e contra *Fár-Mrin-Mrir* (Sarampo). Então, esses banhos nas crianças eram feitos em cada ano para proteção da saúde das crianças até mesmo dos jovens. Interessante que sempre funcionou de modo como deveria de funcionar.

A maior parte dos banhos que eram realizados eram preventivos contra doenças que poderiam prejudicar futuramente o seu povo.

Além disso quem dava nome as crianças novas era também o próprio *Kujá*. O nome da criança era dada conforme a marca que cada criança tinha, é claro, nome em nossa língua.

Após dar o nome para as crianças o *Kujá* procurava oferecer banhos para os pais das crianças para que se tornassem Kaingang melhores. Havia banhos para que as crianças tivessem ótima visão, ótima audição, inteligência, coragem, cor de cabelo, não criar barba, ter pele boa para não ficar velho logo e tantos outros.

Enquanto que os *Jamré* de cada um, eram encarregados de banhar os seus *Jamré* conforme a necessidade de cada um. Geralmente a maioria dos banhos eram para fazer com que os *jamré* conquistassem uma determinada moça que o mesmo desejasse, que na verdade fosse difícil de conquista-la, a outra na maior parte dos banhos nos *Jamré* era para fazer a mulher que estava separada do marido ou marido separado da mulher voltar. Para todos esses banhos existe folhas próprias, porém não se deve contar com que tipo de folha se banha. Mas, para esse tipo de banhos os *Jamré* procuravam tirar suas dúvidas com o *Kujá*, que dava todas as orientações corretas como e porque fazer com certos tipos de folhas de plantas, com quais

tipos de plantas se faz a mistura e com doses certas, para cada um possa servir os seus *Jamré* com qualidade.

Quadro 1. Algumas ervas medicinais conhecidas pelos nossos antigos sábios Kaingang:

Nomes	Utilidades
Carvainho	Bexiga
Mil-homen	Diarreia
Guatambú	Machucadura
Chapéu-De-Couro	Problemas-De-Coluna
Ipe	Aumentar o Sangue

Fonte: Quadro elaborado pelo autor a partir de informações de nossos sábios *kofa*, além das pesquisas de outros autores do meu tema, citados abaixo nas referências, existentes, sobre o *kujá* ou ervas medicinais.

8. Considerações finais

Dada a necessidade de reencontrar com o nosso costumes e tradições que procurei dedicar-me à esse tema. Respostas que a mim interessavam ao longo do tempo em que tenho desenvolvido as tarefas nas nossas escolas. Apesar da dificuldade com que se buscava uma forma de explicação das diversas razões da existência do *kujá* ou se de fato somos seguidores do mesmo, porém, entendemos que de fato somos seguidores do mesmo.

A razão desse artigo é motivado pelo tempo de curso junto com todos os professores que nos acolheram na UFSC, em especial o professor Clovis Antonio Brighenti, a professora Maria Dorothea Post Darella e o professor João Rivelino Barreto e o nosso cacique Valdonês Joaquim.

9. Agradecimento

A todos os colegas que ao longo deste tempo tive o privilégio de ter tido uma boa convivência, gostosa amizade e apoio durante quatro anos, desde o ano 2011 até este ano de 2015. Entre colegas Xokleng, guarani e os *jamré* e *kanhkã* da Terra Indígena de Chapecó, Terra Indígena de Serrinha e Terra Indígena de Inhacorá. A todos esses apoiadores e colaboradores que tem me propiciado várias experiências de conhecimento, principalmente nas diferentes línguas que um pouco aprendi com os meus colegas, tanto Guarani e Xokleng, obrigado queridos parentes.

A nossa lideranças indígenas, da Terra Indígena Guarita, da pessoa do nosso Cacique Valdonês Joaquim, os quais nos deram a oportunidade de demonstrar a nossa preocupação com o nosso povo Kaingang e outras etnias Indígena da nossa Região Sul do Brasil. Por meio desta grande Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Universidade esta que tem nos dado orientações precisas, com ótimos professores e professoras com uma experiência de qualidade invejável, tornando nossa possibilidade de nós transformarmos, nas nossas comunidades, em melhores esperanças de vida, uma melhor compreensão da realidade e coragem em encarar os desafios em que o nosso povo está exposto.

O apoio que também recebemos do pessoal da Funai da Terra Indígena Guarita e da Funai de Florianópolis, na pessoa da professora Maria Elaine, que tem sempre se preocupado com o nosso transporte. A todos os hotéis que tem nos acolhido até as últimas etapas do nosso curso, possibilitando assim a nossa formação aqui na nossa Universidade em Florianópolis.

À minha mãe que, apesar dos seus 100 (cem) anos de idade, tem me apoiado muito, na esperança de me ver entre os meus colegas, ao meu querido Pai que, está junto ao nosso Deus lá no céu nos aplaudindo. Obrigado meu Deus e, ao meu Pai.

À minhas filhas, que também tem me dado muito apoio e coragem de vencer este desafio muito importante na minha vida e na vida das mesmas. É por elas mesmas que tenho juntado energia para que as mesmas possam usufruir desta carreira que sempre procurei fazela cada vez-melhor e com qualidade.

E à todos aqueles que nos deram a oportunidade de nos oferecer tudo o que pudesse nos ajudar na vida acadêmica que ora estamos levando nas nossas costas pelo nosso povo Kaingang.

Aos nossos queridos apoiadores e colaboradores de nossa pesquisa, o nosso *jamré* *Gavóg*, ao meu *kakrãkej*, dona Joaquina, seu Antônio Gavóg, a minha a minha mãe Maria Dias, ao meu *kakrã Fórinh* e ao meu Jóg Antônio Bento. Estes tem muito contribuído para

que a minha pesquisa tivesse um desenvolvimento, apesar das dificuldades que tenho encontrado.

10. Bibliografia e Fontes

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **O Estado brasileiro e os povos indígenas no século XX**. Foz do Iguaçu: 2014, mime.

BRIGHENTI, Clovis Antonio. **O movimento indígena no oeste catarinense e sua relação com a igreja católica na diocese de Chapecó/SC nas décadas de 1970 e 1980**. 2012. 564 f. Tese de doutorado. (Programa de Pós Graduação em História). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

TOMMASINO, Kimiye. Homem e natureza na ecologia dos Kaingang da bacia do Tibagi. In: _____ et al. (Org.). **Novas Contribuições aos estudos interdisciplinares dos Kaingang**. Londrina: Eduel, 2004. p. 157.

VEIGA, Juracilda. Cosmologia e práticas rituais Kaingang. **IN: XXIV Encontro Anual da Anpocs**. Campinas: 2000. 19p.

RIBEIRO, Marcos. **História e Hábitos Alimentares Kaingang da Terra Indígena Guarita-RS**.

Entrevistas

DIAS, Maria. **Entrevista concedida ao autor em outubro de 2014**. Terra Indígena Guarita (RS).

SALES, Vicentina (falecida). **Entrevistas e concedida ao autor em 1995**. Terra Indígena Guarita (RS).

SANTO, Kej Claudino. **Entrevista concedida ao autor em 2014** (Terra Indígena do Guarita(RS))

JACINTO Alcides. Do livro produzido do curso de formação de professores Kaingang (Ēg jamēn kŷ mĩ)

Fontes eletrônicas

<http://www.docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=CRVindigena>

www.portalkaingang.org.

<http://www.docvirt.com/docreader.net/docmulti.aspx?bib=CRVindigena>

Google Earth